

INCLUSÃO SOCIAL E DIFICULDADES DOS ALUNOS COM TRANSTORNOS E AUTISMO

Adriana Duarte Vieira ¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo abordar o tema inclusão escolar e dificuldades na aprendizagem, o autismo é um transtorno de desenvolvimento que geralmente aparece nos três primeiros anos de vida, afetando as áreas social, comprometendo as habilidades de comunicação e interação da criança, o autismo ainda é pouco conhecido por profissionais da área da educação. Esse tema vem sendo discutido com mais frequência devido a demanda de inclusão de alunos com autismo que são inseridos em um ambiente de escola regular. Os autistas enfrentam muitas dificuldades na aprendizagem e precisam de um auxílio e de uma atenção especial em sua vida para que consiga se relacionar com outras pessoas. A escola tem que se adaptar em uma nova rotina, averiguar as dificuldades que os professores encontram para trabalhar, onde possam incluir alunos com autismo, usar estratégias pedagógicas, diagnosticar o que é autismo para entender melhor esse aluno, para que se realize a aprendizagem adequada, é necessário ter um ambiente escolar, espaço, tempo, matérias diferenciados de acordo com o que vai ser trabalhado na aprendizagem do aluno, para que haja um bom desenvolvimento e que ele possa interagir com o ambiente escolar conviver em harmonia com pessoas diferentes e estranhas ao seu meio familiar e social.

Palavras-chave: Inclusão , Autismo, Aprendizagem.

ABSTRACT

The present article aims to address the issue of school inclusion and learning difficulties, autism is a developmental disorder that usually appears in the first three years of a life disorder, affecting the social areas, compromising the communication skills and interaction of the child, autism is still little known by education professionals. This topic has been discussed more often due to the demand for inclusion of students with autism who are inserted in a regular school environment. Autistics face many learning difficulties and need special attention and attention in their lives so they can relate to others. The school has to adapt in a new routine, to find out the difficulties that the teachers find to work, where they can include students with autism, to use pedagogic strategies, to diagnose what autism is to better understand that student, so that the appropriate learning is realized , it is necessary to have a school environment, space, time, differentiated subjects according to what will be worked on in the student's learning, so that there is a good development and that it can interact with the school environment to live in harmony with different and strange people to their family and social environment.

Palavras-chave: Inclusion, Autism, Learning.

¹ Especialista pela Universidade Cruzeiro do Sul.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema inclusão social e dificuldades dos alunos com transtornos e autismo, as dificuldades que muitas escolas encontram diante da inclusão escolar, sobretudo quando a instituição não está preparada e seus professores não possuem formação específica para incluir os alunos. Propõe-se, também, uma reflexão sobre a inclusão, portanto, implica em mudanças educacionais, para que se encaixe no mapa da educação escolar. Em paralelo e integrado aos processos de democratização da sociedade brasileira, são inegáveis os avanços que vêm sendo obtidos no caminho da inclusão de crianças com deficiências nas escolas.

Um dos grandes desafios que se coloca a escola inclusiva são preparação, interação e conscientização da equipe pedagógica, bem como na formação, participação e formação de professores, ainda que se façam necessários programas de formação mais significativos para uma qualificação maior desses profissionais. Acreditamos que os professores que participaram deste estudo podem lançar olhares mais críticos sobre a proposta de inclusão, pois foram acrescentados à sua já vasta gama de conhecimentos, informações sobre um tema ainda obscuro para a comunidade docente.

O tema escolhido justifica-se pelas dificuldades que os alunos com vários transtornos encontram na aprendizagem, entre eles transtorno espectro autista, transtornos psiquiátricos, deficiência intelectual e patologias neurológicas diversas, inclusive Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) Dislexia, Calculia. Esses alunos necessitam de metodologias diferenciadas, recursos didáticos que não os acabem excluindo por causa das diferenças. Daí a necessidade do professor ter uma postura diferenciada e formada diante da educação inclusiva.

Propõe-se, também, uma reflexão sobre a inclusão, portanto, implica em mudanças educacionais, para que se encaixe no mapa da educação escolar. Em paralelo e integrado aos processos de democratização da sociedade brasileira, são inegáveis os avanços que vêm sendo obtidos no caminho da inclusão de crianças com deficiências nas escolas. Estamos caminhando a passos lentos, com a construção de uma sociedade mais justa, solidária e feliz para atuar na construção de um novo paradigma educacional, inclusivo. Acredita-se que a inclusão escolar pode proporcionar a essas crianças oportunidades de convivência com outras da mesma faixa etária, constituindo-se num espaço de aprendizagem e de desenvolvimento da competência social.

Entretanto, esse processo requer respeito às singularidades de cada criança. Diante dessas considerações, fica evidente que crianças com desenvolvimento típico fornecem, entre outros aspectos, modelos de interação para as crianças com autismo e transtornos, ainda que a compreensão social destas últimas seja difícil. A oportunidade de interação com pares é a base para o seu desenvolvimento, como para o de qualquer outra criança. Desse modo, acredita-se que a convivência compartilhada da criança com autismo na escola.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Peter (2003), a inclusão não diz respeito a colocar as crianças nas escolas regulares, mas a mudar as escolas para torná-las mais responsivas às necessidades de todas as crianças, diz respeito a ajudar todos os professores a aceitarem a responsabilidade quanto à aprendizagem de todas as crianças que estão atual e correntemente excluídas das escolas por qualquer razão. Isto se refere a todas as crianças que não estão beneficiando-se com a escolarização, e não apenas aquelas que são rotuladas com o termo “necessidades educacionais especiais”.

As dificuldades encontradas pelos professores com a praticam da educação inclusiva em salas de aula, a adaptação do docente aos conteúdos adaptados, a falta de formação para o professor a realidade da inclusão dentro e fora da escola, reflexão a respeito das políticas de inclusão, a historia da inclusão.

Analisar mais profundamente que os espaços são diferenciados de um aluno normal para um aluno especial, e que merecem mais atenção, tendo suas características peculiares que vão ao encontro dos diferentes objetivos destas duas condições de ensino, assim será possível presenciar na prática dos professores situações de controle sobre o como interagir com esses alunos. A perspectiva primordial da inclusão é a certeza de que não existem pessoas iguais e são exatamente as diferenças entre os seres humanos, que o caracterizam. O aluno é então compreendido como um ser único, singular e social, que tem sua história de vida, constituindo-se então um ser histórico diferente.

Diante a inclusão escolar as escolas apresentam dificuldades na organização do ensino curricular de acordo com as necessidades especiais, e reconhecimento e suas inter-relações na inclusão proporcionar oportunidades de interação e convivência para qualquer criança com o sem deficiência respeitar as singularidades de criança oferecer

uma escola comum a todos os alunos, pois a escola especial os inferioriza, discrimina, limita, exclui, mas também de garantir-lhes um atendimento educacional especializado paralelo, complementar, de preferência na escola comum, para que não sejam desconsideradas as especificidades de alguns aprendizes, quando apresentam alguma deficiência.

A escola comum não pode ser substituída pelo ensino especial na oferta do ensino acadêmico, pois este é complementar à formação do aluno com deficiência e trata primordialmente das limitações que a deficiência lhes acarreta quando estudam em turmas do ensino regular.

O primeiro passo é identificar as dificuldades e providenciar uma avaliação interdisciplinar da aprendizagem. A partir dos achados da avaliação e do diagnóstico, delinea-se um percurso de intervenções e orientações para aquela determinada criança.

O CAMINHO PERCORRIDO DA INCLUSÃO EM AUTISMO

A escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais formam e instrui os alunos. E muito menos desconhecer que aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos, implica representar o mundo a partir de nossas origens, de nossos valores e sentimentos.

A participação do outro no desenvolvimento da pessoa com autismo é fundamental. No trabalho com crianças autistas, é necessário termos a sensibilidade para observar as minúcias e indícios de seus comportamentos, proporcionando interações ampliadas com os outros, provocando um movimento contrário ao que se encontra cristalizado e tentando interagir com esses sujeitos na busca de dar significado às suas vivências e de propiciar sua inserção na cultura.

É preciso superar a concepção da escola como lugar voltado para a socialização e adaptação das atividades com o acesso ao currículo. Afirmo ainda que as pesquisas pautadas na perspectiva da educação inclusiva indicam “a *necessidade da construção de espaços colaborativos; refletir sobre o ensinar/aprender desses sujeitos e sobre os saberes/fazeres implicados nesse complexo e multideterminado processo*”. (VASQUES 2008 p. 9).

Segundo Mantoan (2006), a ‘inclusão escolar’ é incompatível com integração escolar uma vez que a primeira exige uma inserção mais radical, completa e sistemática do que a segunda. A começar pelo fato que na proposta da inclusão, todos os alunos devem frequentar uma sala de aula comum do ensino regular, sem exceções, e ainda que os alunos com deficiência não tenham um atendimento e um currículo diferenciados dos demais discentes.

DIFICULDADES NA INCLUSÃO

Um dos grandes desafios que se coloca a escola inclusiva são a preparação, interação e conscientização da equipe pedagógica, bem como na formação, participação e formação de professores, ainda que se façam necessários programas de formação mais significativos para uma qualificação maior desses profissionais. Acreditamos que os professores que participaram deste estudo podem lançar olhares mais críticos sobre a proposta de inclusão, pois foram acrescentados à sua já vasta gama de conhecimentos, informações sobre um tema ainda obscuro para a comunidade docente.

A partir do diagnóstico de autismo, transtornos e deficiências, é preciso montar uma estratégia educacional para superar as dificuldades da criança de forma que ela possa se integrar, analisar a rotina diária de uma sala de aula de educação especial de alunos com autismo, verificar se os recursos e a metodologia de ensino utilizada com esses alunos são apropriados, adequados e eficazes. Especialmente das atividades socializadoras; a escola deverá demonstrar sensibilidade às necessidades do indivíduo e habilidade para planejar com a família o que deve ser feito ou continuado em casa.

A escola deverá prover todo o suporte físico e acadêmico para garantir a aprendizagem dos alunos incluídos; atividade física regular é indispensável para o trabalho motor; a inclusão não pode ser feita sem a presença de um facilitador e a tutoria deve ser individual; um tutor por aluno; a inclusão não elimina os apoios terapêuticos; necessidade de desenvolver um programa de educação paralelo à inclusão e nas classes inclusivas o aluno deve participar das atividades que ele tenha chance de sucesso.

De acordo Chiote, (2013), Tendo como base Vygotsky podemos afirmar que o desenvolvimento cultural é a base para as transformações fundamentais no organismo, para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. O ser humano se desenvolve na medida em que internaliza a cultura e dela se apropria, utilizando signos e instrumentos disponíveis e atuando no meio em que está inserido.

O mesmo autor afirma que o desenvolvimento infantil não acontece de maneira linear, gradual e cumulativa, mas em um processo dialético no qual fatores internos e externos se entrelaçam e impulsionam as transformações nas funções psíquicas elementares e superiores a partir de saltos e revoluções qualitativas, com evoluções e involuções na adaptação ativa ao meio que resulta do choque real entre o organismo e o meio social.

De acordo com o código internacional de doenças (CID 10), os transtornos de aprendizagem “(...) são transtornos nos quais os padrões normais de aquisição de habilidades, desde os estágios iniciais do desenvolvimento. Eles não são simplesmente uma consequência de uma falta de oportunidade de aprender nem são decorrentes de qualquer forma de traumatismo ou de doença cerebral adquirida. Ao contrário, pensa-se que os transtornos originam-se de anormalidades no processo cognitivo, que derivam em grande parte de algum tipo de disfunção biológica” (CID – 10,1992: 236).

Para algumas pessoas, os anos escolares estão naturalmente encadeados em um desenvolvimento contínuo e crescente de suas habilidades acadêmicas e seu desempenho reflete esse percurso. Para esses alunos, aprender da maneira como as escolas ensinam, é natural. Mas não é assim para todos. A educação de alunos com Transtornos do Espectro Autista (TEA), em especial a dislexia e a discalculia, tem trazido desafios aos métodos pedagógicos e propostas curriculares vigentes em nosso país. A situação ainda é muito adversa, expondo alunos e familiares a níveis críticos de risco emocional e financeiro.

Os Transtornos do Espectro Autista são classificados em subtipos, dependendo da área da aprendizagem mais afetada: transtorno de leitura, transtorno de expressão escrita, transtorno de habilidades matemáticas, transtorno não verbal e transtorno de linguagem, entre outros. É mais fácil estudá-los e explicá-los dessa forma, mas, na realidade, um indivíduo com transtorno específico de aprendizagem nunca será igual a outro, haverá sempre uma interação entre suas parcelas de “dificuldades” e de “aptidões” inatas e do meio familiar, educacional e sociocultural em que ele está inserido, resultando numa trama única.

DIFICULDADES DO ALUNO COM AUTISMO E REFLEXÃO SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR

Segundo Berehoffs (1991), “Educar uma criança autista é uma experiência que leva o professor a rever e questionar suas ideias sobre desenvolvimento, educação, normalidade e competência profissional”. Torna-se um desafio descrever um impacto dos primeiros contatos entre este professor e estas crianças tão desconhecidas e na maioria das vezes imprevisíveis.

Tanto a escola comum como a escola especial, tem resistido às mudanças exigidas por uma abertura incondicional às diferenças. Uma das mais sérias e influentes razões para que essa situação se mantenha é a neutralização dos desafios que a inclusão impõe ao ensino comum e que mobilizam o professor a rever e a recriar suas práticas, a entender as novas possibilidades educativas trazidas pela escola para todas.

Esses desafios estão sendo constantemente anulados, contemporizados por políticas educacionais, diretrizes, currículos, programas compensatórios (reforço, aceleração entre outros). Falsas saídas têm permitido às escolas comuns e especiais escaparem pela tangente e livrarem-se do enfrentamento necessário com a organização pedagógica. Entretanto, existem professoras dispostas a vencer barreiras como a falta de informação, o preconceito e a falta de formação, pois entendem que o papel do professor também é aprender e produzir seu próprio conhecimento.

Por esses e outros sérios entraves, os caminhos educacionais estão se abrindo, à custa de muito esforço e da perseverança de alguns, diante da resistência de muitos. Às vezes as pessoas travam-se por uma ou outra situação que impedem o desenvolvimento de iniciativas visando à adoção de posições/medidas inovadoras para a escolarização de alunos com e sem deficiência, nas escolas comuns de ensino regular e nas que oferecem serviços educacionais especializados.

O desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo, portanto, caberá ao professor se adequar o seu sistema de comunicação a cada aluno. O aluno deve ser avaliado para colocá-lo num grupo adequado, considerando a idade global, desenvolvimento e nível de comportamento. É de responsabilidade do professor a atenção especial e a sensibilização dos alunos e dos envolvidos para saberem quem são e como se comportam esses alunos autistas.

Um professor ou equipe escolar que respeite as diferenças, que seja comprometido com elas, que acredite no potencial humano, acima de qualquer deficiência ou incapacidade, terá mais possibilidades de atender bem a essas diferenças. O importante, no processo de inclusão, é perceber que a diversidade não é um problema;

pelo contrário, é perceber que é uma oportunidade de enriquecimento individual, social e de ensino-aprendizagem.

É preciso montar uma estratégia educacional para superar as dificuldades da criança com autismo, Através de um ensino estruturado é possível fornecer uma informação clara e objetiva das rotinas, manter um ambiente calmo e previsível, atender à sensibilidade do aluno aos estímulos sensoriais, propor tarefas diárias que o aluno é capaz de realizar e promover a autonomia. A participação do outro no desenvolvimento da pessoa com autismo é fundamental.

A criança moderna é uma criança indissoluvelmente ligada ao espaço escolar, que lhe atribui o lugar social, a inserção social, é o que a constitui, o que lhe dá identidade.

A história sublinha então uma dimensão da infância que é dada pelo campo social, que a enquadra, lhe dá significação e interpretação. O campo social também define um tempo para essa infância, que é justamente a escolarização obrigatória (KUPFER, 2007 p.36).

De acordo com Mello (1997) apresenta o processo de inclusão de um aluno autista em que ele frequentava a escola regular por duas vezes na semana. Após um ano, ele mesmo passou a desejar ficar mais tempo na sala de aula regular, de maneira que, com um ano de atendimento, conseguia frequentar a escola regular no horário convencional de aulas e uma escola especial, para apoio no horário contrário.

MÉTODO

O desenvolvimento da pesquisa foi elaborado uma busca bibliográfica que possibilitou a fundamentação deste trabalho. A estratégia metodológica adotada foi a pesquisa bibliográfica que nos dá uma cobertura mais extensa sobre o assunto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os desafios e dificuldades são visíveis para a efetiva prática da inclusão escolar. É preciso, refletir sobre o desafio da educação inclusiva em sala de aula com alunos inclusos e comuns, bem como as dificuldades encontradas pelos professores frente essa problemática, ministrar aulas na perspectiva da educação inclusiva, sem a capacitação específica em serviço. Tendo-se em vista que; os benefícios da inclusão não são só para a escola pública, mas para a sociedade de um modo geral.

Proporcionar às crianças com autismo e outras deficiências oportunidades de conviver com outras da mesma faixa etária possibilita o estímulo às suas capacidades interativas, impedindo o isolamento contínuo. Além disso, subjacente ao conceito de competência social esta é a noção de que as habilidades sociais são possíveis de serem adquiridas pelas trocas que acontecem no processo de aprendizagem social.

A educação inclusiva é um processo em pleno desenvolvimento, sujeitando-se de reflexões e especialmente ações concretas para alcançar práticas eficientes. A capacitação do professor e da equipe pedagógica em lidar com alunos inclusos, expressaram a ideia de que a formação continuada deveria ser ofertada aos docentes pelos órgãos administrativos regionais, indicando que se faz necessária a realização de cursos de capacitação para que todos os envolvidos no processo inclusivo tenham condições de desenvolver um trabalho adequado às necessidades desse aluno.

A escola deve conhecer as características da criança e prover as acomodações físicas e curriculares necessárias; treinar os profissionais continuamente e busca de novas informações; buscar consultores para avaliar precisamente as crianças; preparar programas para atender a diferentes perfis visto que os autistas podem possuir diferentes estilos e potencialidades; ter professores cientes que inclusive a avaliação da aprendizagem deve ser adaptada; educadores conscientes que para o autismo, conhecimento e habilidades possuem definições diferentes; analisar o ambiente e evitar situações que tenham impacto sobre os alunos, alterar o ambiente se for possível;

Sabendo que a criança pode reagir violentamente quando submetida ao excesso de pressão e, diante disso, é preciso levar em conta se o programa está sendo positivo, ou se precisam haver outras mudanças. O ensino é o principal objetivo do trabalho com crianças autistas e com outras deficiências. Ensinar coisas funcionais para a criança autista é a essência de um trabalho adequado e a persistência é um grande aliado deste objetivo.

Toda vez que a criança conseguir realizar uma tarefa, ou falar uma palavra, ou enfim, mostrar progresso, é prudente reforçar com elogios. Quando se deseja que a criança olhe para o professor, se segura delicadamente o rosto dela, direcionando-o para o rosto do professor. Pode-se falar com a criança, mesmo que seu olhar esteja distante, tendo como meta um desenvolvimento de uma relação baseada em controle, segurança, confiança e amor. Através da mediação do professor a criança poderá desenvolver uma adequação a aprendizagem e uma transformação as estruturas cognitivas da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma mudança social e de extrema importância para um melhor desenvolvimento do aluno com autismo em sala de aula. O ambiente são fatores importantes para o bom desenvolvimento e aprendizagem desse aluno. Para conquistar tais objetivos precisamos nos conscientizar que essa luta deve ser diária e constante, buscando sempre os direitos legais, e quando esses ainda não existirem que possamos contribuir para sua efetivação.

Hoje em dia discute-se a situação da vida de uma pessoa com necessidades especiais, principalmente a sua entrada e permanência na escola. E o preparo dos professores para adaptar a criança com necessidades especiais com o objetivo de prolongar sua permanência na escola. Não devemos pensar no autismo como algo distante e condenado ao isolamento em escolas especializadas. Existem muitas possibilidades que podem ser feitas pelo próprio autista. A principal é acreditar que ele tem potencial para aprender.

A inclusão não consiste apenas em inserir o aluno na classe e esperar que o professor aprenda a trabalhar com ele. Depende também da postura do profissional, das suas representações, de acreditar no potencial do aluno e no seu de aprender, de aceitar desafios, de criar o novo, assim como todo o sistema escolar, que necessita estar disposto e aberto a aceitar e incluir esses alunos. Acredita-se que a inclusão escolar passe por questões técnicas, legais e didático-pedagógicas. Mas supõe-se, antes de tudo, que esta seja uma opção ideológica, a qual envolva valor, sentimento. Um professor muito bem formado didaticamente, que não tem uma atitude de respeito e valorização em relação às diferenças, à diversidade humana, não irá responder adequadamente a essa diferença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEREOHFF, Ana Maria P. **Autismo, uma visão multidisciplinar**. São Paulo: GEPAPI, 1991.

CID-10. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento**: descrição clínica e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. CHIOTE, F. de. A. B. **Inclusão da criança com autismo na educação infantil**: trabalhando a mediação pedagógica. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2013. KUPFER, M. C. M. **Educação para o futuro**: Psicanálise e educação. São Paulo: Escuta, 2007.

LEBOYER, M. **Autismo infantil: fatos e modelos**. São Paulo: Papirus, 1991. MELLO, A. M. S. R. de. **Autismo e Integração**. Em MANTOAN, M. T. E. e cols. **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon/Editora Senac, 1997.

MITTLER, Peter. **Educação Inclusiva: Contextos Sociais**. Editora: Artmed, São Paulo, 2003.

MANTOAN, Maria T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2006.

VASQUES, Alice na biblioteca mágica: **uma leitura sobre o diagnóstico e a escolarização de crianças com autismo e psicose infantil**. 2008. 185f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.